

APRESENTAÇÃO:

**As proposições teórico-metodológicas
de Danièle Kergoat e Helena Hirata**

PRESENTATION:

***The theoretical and methodological propositions
of Danièle Kergoat and Helena Hirata***

Bianca Briguglio (Unicamp)

Fabiana Sanches Grecco (Unicamp)

Raquel Oliveira Lindôso (Unicamp)

Thaís de Souza Lapa (UFSC)

Este dossiê se propôs a visibilizar a trajetória coletiva de pesquisa de Danièle Kergoat e Helena Hirata e convidar pesquisadoras(es) de diversas áreas do conhecimento e o público em geral para compreender a dinâmica social por meio da perspectiva do feminismo materialista.

Para apresentar os objetivos do dossiê, este texto organiza-se em duas partes. Na primeira, são discutidas as proposições teórico-metodológicas de Danièle Kergoat e Helena Hirata; na segunda, são apresentados os artigos, que tratam de temáticas informadas pelo campo conceitual das autoras: *a divisão sexual do trabalho, a consubstancialidade e coextensividade das relações sociais de classe, raça e gênero, o sujeito sexual do trabalho, o movimento social sexuado, os trabalhos de cuidados e a democracia, e a recepção e usos dessas elaborações nos campos da academia e da política.*¹

A notável conjuntura da pandemia de Covid-19 convoca essas chaves de leitura. As estratégias de enfrentamento à crise sanitária, adotadas em diversos países do globo para contê-la, colocaram em evidência a indissociabilidade entre os trabalhos produtivos e os trabalhos domésticos e de cuidados. Algumas modalidades de trabalho foram parcial, integral ou momentaneamente suspensas, transformadas em trabalho remoto, bem como alguns postos de trabalho foram intensificados e outros suprimidos. Mas as mulheres sofreram o impacto mais denso devido à sobrecarga de trabalho. Com a paralisação e racionamento da prestação de serviços públicos e privados, que se encarregam das demandas específicas de crianças, idosos e de todas as pessoas que necessitam de cuidados, o maior acúmulo de trabalho recaiu sobre as

¹ No contexto francês, “relações sociais de sexo” tem um sentido de desnaturalização. Compreende-se que essas relações são marcadas por tensões fruto de interesses antagônicos.

mulheres, que predominantemente os realizam. Esse trabalho, o qual elas têm sido convocadas a garantir sob o custo da perda de seus empregos, sustenta a “nova normalidade”.

Em um momento tão desafiador como esse, a organização deste dossiê temático só foi possível pela força do trabalho coletivo. Somamos aos desafios do acúmulo e das transformações no trabalho que esse momento exige de todas as pessoas e, especialmente, das mulheres, as questões econômicas, sociais e políticas, históricas e conjunturais, como processos eleitorais, lutas antirracistas e contra a violência às mulheres –, que nos colocam em posição de mobilização permanente e que caminham ao mesmo tempo que a realização de trabalhos acadêmicos como este. Assim, gostaríamos de registrar nossos sinceros agradecimentos ao trabalho, interesse e disponibilidade das pessoas envolvidas nesta publicação, em sua quase totalidade, mulheres: as autoras dos artigos, as pareceristas, a edição da *Revista Política & Trabalho* e a fotógrafa que gentilmente cedeu a imagem que ilustra a capa deste dossiê².

A organização coletiva deste dossiê perpassa a trajetória profissional de suas quatro organizadoras. É nesse caminho de jornadas cruzadas entre mulheres, pesquisadoras e militantes, que construímos as nossas formações nos campos da Sociologia do Trabalho e da teoria feminista, baseadas na reafirmação da centralidade do trabalho tanto para a teoria social quanto para a luta feminista. Essa orientação consolidou-se em um processo formativo comum das organizadoras na equipe *Genre, Travail, Mobilités* (GTM), lotada no *Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris* (CRESPPA), vinculado ao *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS).³

Assim, a aventura coletiva que nomeia este dossiê, e atravessa a produção de Danièle Kergoat e Helena Hirata, deu sentido ao trabalho conjunto realizado pelas organizadoras, bem como à reunião de um grupo de excelência formado por pesquisadoras e feministas de diversas regiões do Brasil e da França.

Por que um dossiê temático sobre a sociologia do trabalho, feminista e materialista, de Danièle Kergoat e Helena Hirata?

A influência das obras das autoras referenciadas neste dossiê extrapola o campo da Sociologia e tem caráter eminentemente supradisciplinar, construindo pontes com a Economia, Psicologia, Estatística, Antropologia, Ciência Política, Ergonomia, Sociolinguística, entre outras

2 A fotografia, realizada por Heloísa Capasso, trata-se de um registro da fotógrafa sobre o trabalho desenvolvido por mulheres artistas que formam o grupo Mãe da Rua. Esse grupo, gerido por mulheres desde 2014, ocupa ruas e praças de cidades brasileiras com o espetáculo Linha Vermelha, expressando a potência e os desafios das mulheres ao ocuparem o espaço público, seja com seus trabalhos artísticos e culturais, seja apenas ao trafegarem pela Linha Vermelha do metrô da cidade de São Paulo, indo de casa para o trabalho ou para a escola. A mesma imagem foi selecionada pela Mostra o Olhar Feminino que Transforma São Paulo, que foi realizada pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) em julho de 2016.

3 As organizadoras também estão vinculadas ao projeto “*Trabalho no Brasil e na França: sentido das mudanças e mudanças de sentido*”, no âmbito do acordo CAPES-COFECUB (Edital nº. 16/2015).

áreas das Ciências Humanas e Sociais, bem como o diálogo ativo com as organizações políticas, sobretudo as feministas. As autoras têm diversas publicações conjuntas, muitas delas traduzidas para o português, como *A classe operária tem dois sexos* (França, 1993/Brasil, 1994), *Relações sociais de sexo e psicopatologia do trabalho* (França, 1988/Brasil, 2002), *Paradigmas sociológicos revistos à luz da categoria de gênero. Que renovação à epistemologia do trabalho?* (França, 2005/Brasil, 2008).

Mas a parceria das autoras é mais ampla do que essas publicações. Elas têm uma agenda de pesquisa em comum. Helena Hirata foi exilada na França em 1971, em decorrência da conjuntura da ditadura militar no Brasil e, em 1977, integrou o grupo criado por Kergoat, voltado ao estudo da divisão social e sexual do trabalho (DSST). A partir dos anos 1980, em conjunto com Odile Chenal, as autoras formaram um grupo de trabalho reconhecido, desde 1983, como uma unidade de pesquisa do CNRS. Nos anos 1980, integraram a rede *Atelier Production-Reproduction* (APRE), que resultou no livro “*O Sexo do Trabalho*” (França, 1984/Brasil, 1986), cuja tradução teve grande importância e circulação no Brasil. Elas também participaram juntas de eventos científicos no país, como os encontros anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), contribuindo para a capilaridade de suas obras no debate brasileiro, como destacou Nadya Araújo Guimarães, no artigo “*A transversalidade do gênero: desafiando cânones nos estudos brasileiros do trabalho*”, aqui publicado.

Ambas compõem atualmente a equipe *Genre, Travail, Mobilités* (GTM), lotada no *Centre de Recherches Sociologiques et Politiques de Paris* (CRESPPA), vinculado ao CNRS. Esse grupo de pesquisa é um desdobramento de formações anteriores: o *Groupe d'Étude sur la Division Sociale et Sexuelle du Travail* (GEDISST) e o grupo *Genre et Rapports Sociaux* (GERS). Como consequência desse trabalho coletivo, as autoras desenvolvem uma teoria sociológica materialista e feminista, que traz contribuições para análises do trabalho, em sua dimensão coletiva e individual, material e subjetiva, e para a luta das mulheres trabalhadoras.

Danièle Kergoat é socióloga, e como mencionado, é pesquisadora emérita do CNRS, onde atua no laboratório do CRESPPA, equipe GTM. É conhecida internacionalmente por seus estudos sobre a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo, pelo menos desde os anos de 1970. Alguns de seus principais textos encontram-se na obra *Lutar, dizem elas ...* (França, 2012/Brasil, 2018), parcialmente traduzida para o português pela organização feminista SOS *Corpo - Instituto Feminista para a Democracia*. Nela, sua trajetória de pesquisa e a relação com o movimento feminista na França são evidenciados, deixando clara a indissociabilidade entre teoria e prática política no feminismo materialista.

O trabalho de Kergoat reafirmou a condição heterogênea e sexuada da classe e a centralidade do trabalho nas relações sociais de sexo/gênero. Ao realizar estudos sobre o movimento social das enfermeiras e do coletivo que surgiu desse movimento nos anos 1980 – a *Coordenação Enfermeira* – desenvolveu os conceitos de “sujeito sexuado do trabalho” e “movimento social sexuado”; ambos centrais no artigo *Reflexões acerca da constituição sexuada*

do sujeito em Danièle Kergoat, escrito por Maria Betânia Ávila e Verônica Maria Ferreira, pesquisadoras e educadoras do SOS Corpo, que compõem este dossiê.

Além disso, Kergoat utiliza a noção de “relações sociais de sexo” para compreender as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade capitalista e patriarcal. A pesquisadora produziu, também, os conceitos de “consustancialidade” e “coextensividade”, para explicar a imbricação e retroalimentação entre as relações sociais de classe, de sexo e de raça/etnia. Para Kergoat, essas três contradições fundamentais do capitalismo se sobrepõem parcialmente (coextensão), e elas, diferentemente de outras problemáticas, como geração e sexualidade, são regidas por dominação, opressão e exploração (KERGOAT, 2016). Nessa perspectiva, as questões étnicas e raciais referem-se às questões relativas à migração, especialmente em sua dimensão de fluxos globais de trabalho. Como não podia ser diferente, esse conceito foi tratado neste dossiê, no artigo *A formação de um grupo profissional: entre permanências e mudanças das agentes de execução de programas sociais sob o prisma de gênero, classe e raça*, escrito por Yumi Garcia dos Santos e Isabel Pauline Hildegard Georges.

Nascida no Japão, Helena Hirata realizou seus estudos no Brasil e desenvolveu parte de sua carreira acadêmica na França. Como já mencionado, é pesquisadora emérita do CNRS e também do laboratório do CRESPPA, equipe GTM, associada às Universidades de Saint-Denis (Paris 8) e Nanterre (Paris 10). No Brasil, é professora visitante do departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

Ao final dos anos 1970, e ao longo da década de 1980, Hirata desenvolveu pesquisas sobre a indústria e as mulheres operárias, que são referências importantes na Sociologia contemporânea. Desenvolveu reflexões sobre a noção de trabalho, problematizando a falsa homogeneidade da classe trabalhadora centrada na figura do operário padrão e a ausência da dimensão dos trabalhos domésticos e de cuidado nas concepções predominantes.

Há algumas décadas a autora realiza investigações com caráter comparativo internacional, não apenas em relação à França e ao Brasil, mas também ao Japão. Hirata realizou estudos sobre a divisão sexual do trabalho em indústrias multinacionais francesas e japonesas, comparando condições de trabalho nas matrizes e suas filiais no Brasil. O livro *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade* (HIRATA, 2002), com grande circulação no Brasil, é fruto dessa trajetória de pesquisa numa perspectiva que conjuga, de um lado, a teorização feminista das chaves analíticas da Sociologia do Trabalho e, de outro lado, a metodologia de comparação internacional com pesquisas empíricas.

O conceito da divisão sexual do trabalho foi amplamente difundido no país pelo livro mencionado, escrito por Hirata. A dimensão plástica desse conceito, bem como a metodologia da comparação conduzida pela autora, é abordada no artigo aqui publicado, *Evidências da plasticidade e atualidade da Divisão Sexual do Trabalho a partir de quatro modalidades concretas*, escrito por Bianca Briguglio, Fabiana Sanches Grecco, Raquel Oliveira Lindôso e Thaís de Souza Lapa.

Hirata é uma das pioneiras no desenvolvimento de estudos sobre o cuidado (*care*) a partir de uma perspectiva sociológica e feminista, com o enfoque no trabalho, e vem aprofundando, nos anos recentes, pesquisas que consubstanciam as relações sociais de gênero, classe, raça e região do mundo sobre essa temática. Ainda no campo dos estudos dos cuidados, Hirata vem construindo um diálogo potente com a América Latina, para além do Brasil, para pensar as temáticas da precarização e precariedade das condições de trabalho das(os) cuidadoras(es), os fluxos migratórios no contexto de globalização e as políticas públicas de cuidados executadas nas duas últimas décadas. É nessa linha de abordagem – que articula o trabalho de cuidados, a divisão sexual do trabalho e o campo da democracia – que Flávia Biroli e Débora Françolin Quintela situam sua análise, em mais um artigo publicado neste dossiê: *Divisão sexual do trabalho, separação e hierarquização: contribuições para a análise do gênero das democracias*.

A produção de mais de quatro décadas das autoras promoveu um intercâmbio intelectual e pesquisas comparativas entre França e Brasil, deixando uma contribuição teórica e política para os dois países. As repercussões desse legado teórico são o foco da análise de Nadya Araújo Guimarães, mencionada acima. No campo da política, a influência de seus estudos na construção de narrativas de movimentos e organizações políticas – que se desenvolve, no Brasil, especialmente ancoradas na triangulação entre academia, movimento feminista e organizações não governamentais (ONGs) – é tratada no texto aqui publicado, *Trabalho como produção do viver: consequências políticas para o feminismo*, escrito por Nalu Faria Silva, Renata Moreno e Tatau Godinho.

A divisão sexual do trabalho, colocada em evidência tanto como conceito analítico quanto em termos metodológicos por Kergoat e Hirata, é certamente a que mais se espalhou e foi utilizada em incontáveis pesquisas acadêmicas e militantes de várias regiões do país. Apesar da amplitude das contribuições das autoras – e embora atualmente estejam consolidados grupos dedicados à articulação entre trabalho e gênero, ao mesmo tempo em que se reafirma a centralidade do trabalho – persistem os desafios de ampliar e aprofundar de um ponto de vista feminista materialista o paradigma do trabalho. Assim, Hirata e Kergoat trazem uma contribuição “contra a maré” à produção da teoria feminista hegemônica, que coloca em dúvida a relevância das condições objetivas da reprodução da vida e, portanto, da centralidade do trabalho, para compreender as transformações sociais contemporâneas e para apontar ações políticas e emancipatórias. É nesse curso de reafirmação da centralidade do trabalho, na teoria e na política, que Danièle Kergoat e Helena Hirata brindam este dossiê com o artigo *Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres*.

Os artigos do dossiê e suas chaves de leitura

No artigo de Danièle Kergoat e Helena Hirata deste dossiê, o contexto da formulação do conceito divisão sexual do trabalho e os problemas enfrentados pelas feministas que propõem uma reconceitualização da categoria trabalho são a antessala de discussões que

correlacionam trabalho e luta política das mulheres na atualidade. Sob um primeiro enfoque, a centralidade do trabalho é abordada por Hirata e Kergoat a partir de mobilizações recentes de resistência das mulheres trabalhadoras ao redor do mundo, por meio da organização de greves e integrando outros movimentos com pautas de melhoria de condições de vida de trabalhadores(as), como os “Coletes Amarelos”. Na segunda parte, a partir da metodologia das comparações internacionais, na qual Helena Hirata se baseia para pesquisar o trabalho do *care* no Brasil, França e Japão, o artigo analisa permanências e mudanças na correlação de forças entre homens e mulheres.

De um lado, as mobilizações examinadas evidenciam trabalhadoras na condição não somente de vítimas de relações de exploração-dominação-opressão-apropriação, mas portadoras do potencial subversivo de resistir e apontar caminhos para a emancipação. De outro lado, o trabalho do *care* revela e reitera a centralidade do trabalho feminino para a reprodução social, tanto quando realizado gratuitamente no espaço doméstico, “em nome do amor”, quanto quando realizado em instituições de cuidado e em domicílios. É a partir de tais situações de trabalho e de lutas contemporâneas das mulheres que as autoras chamam a atenção para a atualidade e relevância política da divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo, situadas como ferramentas necessárias para uma reflexão cidadã e feminista.

A contribuição de Kergoat e Hirata para os estudos do trabalho no Brasil foi analisada por Nadya Araújo Guimarães. Nesse artigo, a autora recupera a passagem dos “estudos da mulher” para os “estudos das relações de gênero” no Brasil dos anos 1990, verificada na agenda de estudos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). A autora discorre sobre naquele contexto – marcado também pela renovação do marxismo e pela ênfase no estudo das relações de produção – ser aberto um espaço para os estudos mais amplos que incorporaram a noção de divisão sexual do trabalho, conforme entendiam e elaboravam Hirata e Kergoat.

Esse artigo destaca como a obra das autoras torna mais complexa a própria Sociologia do Trabalho. A inseparabilidade entre os trabalhos considerados produtivos e os trabalhos domésticos e de cuidados, que estrutura a problemática da divisão sexual do trabalho, questiona uma concepção teórica de trabalho ancorada no assalariamento e na figura do operário padrão. A utilização da noção de divisão sexual do trabalho como uma perspectiva metodológica promove uma mudança nos estudos empíricos sobre a divisão e os processos de trabalho, nos quais a separação e a hierarquia são identificadas, denunciadas e questionadas. A obra dessas autoras tem, portanto, uma consequência política.

As chaves de leitura elaboradas pelas autoras são trabalhadas nos demais cinco artigos que compõem este dossiê. A proposição teórico-metodológica de *divisão sexual do trabalho* conduz o artigo escrito por Bianca Briguglio, Fabiana Sanches Grecco, Raquel Oliveira Lindôso e Thaís de Souza Lapa. As autoras percorrem nuances entre formalidade e informalidade e entre os trabalhos considerados produtivos e os trabalhos domésticos e de cuidados, discutindo

experiências concretas na indústria metalúrgica, na indústria de confecções, nas cozinhas de restaurantes e no trabalho de catação de materiais recicláveis.

No artigo em questão, defende-se a noção de divisão sexual do trabalho como uma perspectiva metodológica e desenvolvem-se reflexões de maneira coerente com a elaboração que Kergoat e Hirata construíram ao longo de suas trajetórias. Trata-se de analisar a divisão social do trabalho, as diferentes modalidades, espaços e processos de trabalho, percebendo a separação e a hierarquia entre mulheres e homens. Nessa concepção, a divisão social e sexual do trabalho é entendida como a base material das relações de sexo/gênero e é uma proposição fundamental para se compreender experiências concretas de mulheres e trabalho, a partir da articulação entre produção e reprodução numa perspectiva feminista materialista, considerando a diversidade de trabalhos e constituindo-se em uma perspectiva plástica.

O artigo de Flávia Biroli e Débora Françolin Quintela trata da participação das mulheres na política e o gênero da democracia no Brasil. Em uma abordagem original, as autoras observam como a divisão sexual do trabalho é o fundamento dos obstáculos reiterados à participação política das mulheres. A atuação das mulheres na política tende a ser restrita por aspectos materiais e simbólicos, que podem se exprimir no acesso a redes e mesmo apoio na construção de carreiras, além do acionamento de formas racializadas e classistas em que a dominação organiza os empecilhos à participação das mulheres. A complexidade da dinâmica de dominação envolve conflitos em torno da participação feminina, e essa é permeada por resistências e violência. São dinâmicas complexas de reprodução de desigualdades, nas quais o institucional, o estrutural e o simbólico estão imbricados.

Na análise, as autoras mobilizam a categoria da divisão sexual do trabalho como forma de organização política e apoiam-se sobre suas propriedades, a consubstancialidade e a coextensividade. Os princípios da divisão sexual do trabalho, separação e hierarquia, aplicam-se à atividade política e relegam as mulheres, por um lado, ao espaço fora da política, como se essa fosse uma atribuição “natural” dos homens e para além da “vocação” das mulheres (princípio da separação) e, por outro lado, ao adentrarem o mundo da política, as mulheres acabam sendo posicionadas desigualmente (princípio da hierarquia). A partir do aporte teórico de Danièle Kergoat e de Helena Hirata, Biroli e Quintela questionam o dilema paradoxal de que “tudo muda, mas nada muda”, compreendendo que as relações sociais tratam de dinâmicas complexas, nas quais os arranjos e movimentações recolocam conflitos e tensões, redefinindo o próprio horizonte da atuação política.

Pode-se atingir outras camadas de análise, como a indissociabilidade entre gênero, classe e raça, sintetizada no conceito de *consustancialidade*. Essa chave de leitura é trabalhada no artigo de autoria de Yumi Garcia dos Santos e Isabel Pauline Hildegard Georges. No artigo, pretende-se identificar a configuração da morfologia dos agentes da execução de programas assistenciais e a forma como essas características afetam o conteúdo de trabalho. A formação do grupo social desses agentes socialmente situados se relaciona com sua forma de engajamento social. A análise

das autoras desenvolve-se a partir da comparação de quatro trajetórias profissionais de homens e mulheres, negros e negras, em dois marcos temporais, que são a formação inicial do grupo, no final dos anos 1970, e a profissionalização durante os anos 2000.

A partir de dados empíricos das dinâmicas sociais cruzadas entre transformação institucional e trajetórias socioprofissionais, as autoras objetivam elucidar, à luz da análise consubstancial de gênero, classe e raça, como operam as permanências e as mudanças da situação desses trabalhadores e trabalhadoras. A partir dessa metodologia, que manuseia distintas gerações de profissionais, o artigo traz uma importante contribuição para a abordagem da categoria geração. Na análise empregada pelas autoras, a categoria permite questionar as continuidades e as descontinuidades do modo de engajamento nos serviços dos agentes decorrendo da oferta institucional. Sendo assim, atravessa as categorias que compõem as relações sociais de gênero, classe e raça, dialogando com a abordagem de Danièle Kergoat.

A consequência política, fruto da relação potente entre produção acadêmica e luta feminista, com foco na trajetória de Danièle Kergoat, é abordada por Maria Betânia Ávila e Verônica Maria Ferreira, ambas pesquisadoras e educadoras do *SOS Corpo - Instituto Feminista para a Democracia*, sediado na cidade de Recife, capital pernambucana. Já nas primeiras pesquisas realizadas nos anos de 1970, que tratava das operárias na França, Kergoat constrói a análise sob o prisma do “sujeito sexuado do trabalho”. Posteriormente, na década de 1980, a discussão a partir da Coordenação das Enfermeiras, apura a análise sexuada do trabalho ao tratar a qualificação e emancipação de forma indissociável do sexo/gênero. Isso significa dizer que, no campo do trabalho, as mobilizações, bem como as reivindicações, formas de luta, qualificação e a passagem do individual para o coletivo têm sentidos e significados segundo o sexo/gênero. Na análise das autoras, o compromisso de teorização da dominação e exploração é expressão da práxis feminista, que atravessa toda a trajetória de pesquisa de Danièle Kergoat.

Para as autoras, a questão da emancipação se coloca a partir da análise crítica que considera a centralidade das práticas sociais e as subjetividades do trabalho. São exemplos disso, o tempo fora do trabalho, as tensões do cotidiano, a divisão sexual do trabalho, a origem e migração, a organização das lutas, os afetos e interpretações dos sujeitos do trabalho. Por fim, as autoras defendem que os achados de pesquisa, bem como o compromisso de teorização numa perspectiva feminista e materialista de Danièle Kergoat, contribuem para pensar a realidade do sul global. A partir das análises imbricadas e consubstancializadas de classe, raça e gênero, em diálogo com a divisão sexual do trabalho, pode-se apreender tanto os processos mais radicais de exploração e precarização quanto os movimentos e redes de apoio que apontem para projetos coletivos de emancipação.

A influência de Hirata e Kergoat na conformação de um campo político feminista e de esquerda no Brasil e seus desdobramentos na constituição de uma agenda contemporânea de lutas antineoliberal – na qual os processos de transformação social são vistos sob a ótica da centralidade do trabalho – são temas abordados no artigo escrito por Nalu Faria Silva, Renata

Moreno e Tatau Godinho. A primeira parte do texto trata do processo de consolidação, sob a influência das teorias das autoras, de um campo feminista no Brasil, que entende o trabalho como pilar central da organização das dinâmicas de dominação, desigualdade e exploração. Na segunda parte, o texto discute dissonâncias de orientação política e de agenda de lutas entre feminismos dispostos (ou não) a enfrentar a materialidade das opressões, levando em conta as formas de organização da divisão sexual do trabalho globalizadas.

As análises sobre esse campo feminista de esquerda e a orientação política recente das lutas feministas contra o neoliberalismo são, no artigo, elaboradas a partir da explanação de como parte das experiências do movimento de mulheres brasileiro teve e tem nas contribuições teóricas Helena Hirata e de Danièle Kergoat alguns de seus pilares de sustentação. Destacam-se entre tais contribuições, a compreensão do trabalho como produção do viver, as elaborações sobre a divisão sexual do trabalho e as relações sociais de sexo, sobre o sujeito sexuado que se constrói nas lutas mistas (auto-organização de mulheres em processos políticos de esquerda) e acerca dos caminhos e desafios para visibilizar e enfrentar a precariedade laboral feminina, decorrente dos processos paradoxais de globalização neoliberal.

É nesse sentido que damos ao dossiê, que lança luz sobre a obra de Danièle Kergoat e Helena Hirata, o título de *Aventura Coletiva*. Essa é uma expressão que remete à introdução do livro “*Travail et rapports sociaux de sexe. Rencontres autour de Danièle Kergoat*” (DUNEZAT *et al.*, 2010) sobre as pesquisas desenvolvidas por Kergoat em torno do grupo de estudos sobre a divisão sexual do trabalho, nas quais Helena Hirata é sua parceira. Também remete aos estudos de Kergoat sobre o movimento das enfermeiras na França, que permitem à autora estabelecer uma diferenciação entre formações de grupo e formações coletivas: nessas, a ação é definidora. Tomamos o termo de empréstimo para nos referir ao legado teórico e político coletivo das autoras, ao pioneirismo de seus estudos, à amplitude de suas referências nos estudos do trabalho e gênero, no Brasil, e à sua importância na luta das mulheres trabalhadoras.

Referências

- DUZENAT, Xavier *et al.* (org.). **Travail et rapports sociaux de sexe**. Rencontres autour de Danièle Kergoat. Paris: L'Harmattan, 2010.
- HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A classe operária tem dois sexos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 93-100, 1994.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Paradigmas sociológicos revistos à luz da categoria de gênero. Que renovação aporta a epistemologia do trabalho? **Revista Novos Cadernos – NAEA**, Belém, v. 11, n. 1, p. 39-50, 2008.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e psicopatologia do trabalho. *In*: HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 233-255.
- KARTCHEVSKY, Andrée *et al.* (org.). **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1986.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. *In*: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

KERGOAT, Danièle. **Lutar, Dizem Elas....** Edições SOS Corpo: Recife, 2018.